



O QG Feminista é uma revista digital gratuita feita com trabalho voluntário de mulheres que escrevem e traduzem textos sobre diversos temas importantes sobre a opressão feminina.

Este zine tem o intuito de mostrar alguns de nossos textos para que você venha conosco para a luta! Vamos juntas!

Acesse todos os nossos textos em:  
<http://medium.com/qg-feminista>



## Créditos

### Autoras

#### desta edição:

Aline Rossi  
Ann Olivarius  
Donna M. Hughes  
fêmea brava  
Gail Dines  
Jacqueline Gwynne  
Julie Bindel

### Tradutoras

#### desta edição:

Carol Correia  
Mariana Amaral  
Melina Bassoli  
Nina Cenni

### Ilustradoras

#### desta edição:

Capa e páginas 4, 5 e 10:  
Paloma | @apalomart  
Página 19 e 27:  
Gabi César  
Demais imagens:  
Melina Bassoli

### Pesquisa de Dados:

Páginas 7, 24 e 35:  
Melina Bassoli  
Páginas 29, 31 e 40:  
Bruna Santiago

### Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:

Melina Bassoli

### Produção e Distribuição:

Mariana Amaral

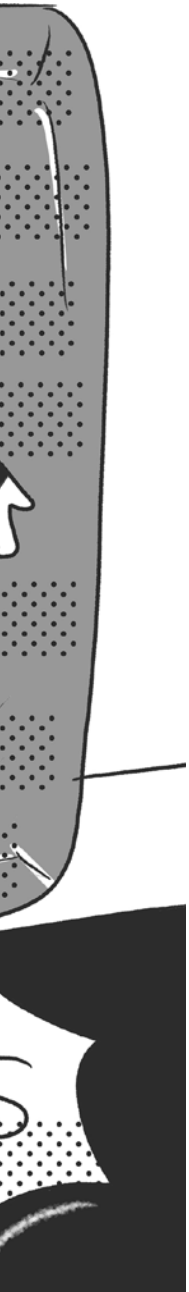
### Idealização:

Cila Santos



# Índice

Chega de cultura pornográfica: quem assiste à pornografia atual está ficando cada vez mais insensível	6
Tráfico de mulheres para fins de exploração sexual e a produção de pornografia	12
Eu limpo a sujeira da indústria pornográfica. Por que ainda estamos nos questionando se a pornografia é opressiva?	16
agarrar a linguagem pelas mãos	20
A maioria das “profissionais do sexo” são escravas modernas	25
Por que a esquerda não aceita que a base da prostituição é um racismo brutal?	32
A legislação do modelo nórdico é a única forma de acabar com o tráfico sexual	36



## Carta às mulheres adultas

A indústria do sexo é violenta. Neste zine, você vai ler alguns depoimentos de atrizes pornográficas ou de mulheres prostituídas que são muito dolorosos. Vai também ver dados sobre as violações dos direitos das mulheres. Em muitos casos, essas violações são vendidas como algo empoderador, mas basicamente é sobre homens dominando mulheres, tratando-as como objetos e comercializando seus corpos.

Dada a natureza dos textos que foram selecionados para esse zine, nós recomendamos que as meninas não leiam sem acompanhamento.

## Cartas às adolescentes

Talvez você já tenha visto vídeos pornográficos bem violentos. Talvez você até conheça uma menina que tenha sido vítima de exposição sexual na internet. Ou que tenha sido violada. Tudo isso faz parte de uma cultura muito pornificada que temos hoje, que está ligada à cultura do estupro e da pedofilia.

Muita gente vai dizer que pornografia e prostituição não são nada de mais, são coisas que sempre aconteceram, ou que as mulheres nessa indústria gostam disso, elas escolheram isso. Mas você vai ver aqui, em vários depoimentos, que isso não condiz com a realidade. As mulheres na indústria do sexo são muito exploradas.

Nós, como feministas, não podemos aceitar que nenhuma mulher seja tratada como objeto. Não podemos aceitar que exista uma indústria que se aproveita de mulheres que estão em situações de pobreza, ou em outra situação de vulnerabilidade, para forçá-las a fazer sexo.

O sexo em troca de dinheiro é sempre um sexo coagido. E o nome que nós, feministas, damos ao sexo coagido é estupro. Sexo deveria ter a ver com carinho e consentimento, nunca com coação, força ou violência.

Antes de você prosseguir com a leitura, sugerimos que você converse com mulheres feministas para tirar suas dúvidas! E vamos juntas nessa luta pela libertação de todas as mulheres!

# FATOS SOBRE A PORNOGRAFIA

Os sites de pornografia têm mais visitas por mês do que Netflix, Amazon e Twitter juntos. Pornhub (que se descreve como o maior site de pornografia grátis) recebeu 33,5 bilhões de visitas em 2018. <sup>1</sup>



Cerca de 1/3 de todos os downloads da internet, nos EUA, são relacionados à pornografia.

88% das cenas pornográficas mais acessadas contêm agressão, sendo que em 70% delas são atos cometidos por homens e, em 94% delas, contra as mulheres. <sup>2</sup>



O consumo da pornografia está associado com uma maior probabilidade de se cometer agressão verbal ou sexual, independente da idade.

Universitários dos EUA que consumiram filmes pornográficos no último ano responderam, com mais frequência dos que os que não assistiam, que cometeriam estupro ou assédio sexual se soubessem que não seriam pegos.



Em 20% de toda a pornografia da internet, há abuso sexual de crianças. <sup>3</sup>

Pelo menos 5 dos 20 termos mais procurados no Pornhub remetem a estereótipos racistas, em 2018. O termo "teen" [adolescente] figura na 7ª posição. E "lesbian" [lésbica] foi o termo mais procurado durante o ano. <sup>4</sup>



Entre os termos mais pesquisados por brasileiros no Pornhub, há pelo menos 8 relacionados à pedofilia. <sup>5</sup>

1. CULTURE REFRAMED. **The Crisis.** (Atualização de 2019). (Os dados seguintes que não mostram outra fonte foram retirados também desta aqui.)

2. BRIDGES, A., WOSNITZER, R.. **Aggression and sexual behavior in best-selling pornography: A content analysis update.** International Communication Association, 2007.

3. NATIONAL CENTER FOR MISSING AND EXPLOITED CHILDREN. **Key facts.** 2013.

4. PORNHUB. **Year in Review.** 2018.

5. PORNHUB. **Pornhub & Brazil.** 2015.



# CHEGA DE CULTURA PORNOGRÁFICA: QUEM ASSISTE À PORNOGRAFIA ATUAL ESTÁ FICANDO CADA VEZ MAIS INSENSÍVEL

Estamos entrando num mundo de crueldade sexual, onde depreciar e desumanizar uma mulher é algo sexualizado

Por: Gail Dines, para The Independent

Tradução: Melina Bassoli

Se você liga a televisão, folheia uma revista, ou olha anúncios por aí, você vê que a pornografia tornou-se o modelo pelo qual a mídia representa o corpo feminino. Seja Katy Perry contorcendo-se seminua num clipe musical, seja Miley Cyrus rebolando com um homem com o dobro de sua idade (que parece que tem uma ideia obscura sobre sexo), as imagens com que nos bombardeiam todo dia parecem muito com a pornografia *soft-core* de algumas décadas atrás.

Atualmente, não há mais pornografia *soft-core* na internet, porque a maior parte dela migrou para a cultura *pop*. O que a indústria pornográfica nos oferece hoje é tão *hard-core*, que até alguns dos grandes produtores e diretores estão espantados com o ponto em que chegaram.

Em 2014, feministas de seis países reuniram-se em Londres para uma conferência sobre a cultura pornográfica, que focou em como essa cultura molda nossas ideias sobre sexualidade, relacionamentos, masculinidade, feminilidade e intimidade. Reconhecendo que as imagens pornográficas estão agora perfeitamente entrelaçadas na nossa cultura popular, graças principalmente à *internet*, as palestrantes falaram sobre os múltiplos malefícios de se criar uma geração de meninas e meninos baseada nessas imagens misóginas.

Um dos principais assuntos discutidos na conferência foi o modo como os fãs de pornografia estão ficando cada vez mais insensíveis e buscando conteúdos cada vez mais pesados. Segundo o diretor porno-

gráfico Mitchell Spinelli, há mais “exigência sobre querer ver coisas cada vez mais extremas”.

Eu viajei pelo país dando palestras sobre os males da pornografia e estou surpresa que tão poucas pessoas mais velhas saibam como é a pornografia atual. Já se foram os dias em que mulheres posavam com olhares tímidos para a câmera. Em vez disso, estamos num mundo de crueldade sexual e abuso, em que qualquer coisa que possa ser feita a uma mulher para depreciá-la e desumanizá-la é sexualizada e erotizada. Na pornografia, os homens fazem coisas odiosas aos corpos das mulheres, porque todas as emoções e sentimentos que associamos com amor — alegria, carinho, empatia, felicidade — não existem e em seu lugar vemos desprezo, asco, aversão e raiva.

A questão colocada aos ouvintes era: o que significa crescer numa sociedade em que meninos começam a ver pornografia, em média, aos 11 anos e em que meninas estão sendo massacradas por imagens de si mesmas como estrelas pornográficas? Como um menino desenvolve sua identidade sexual quando a pornografia frequentemente é a primeira coisa sobre sexo que

ele conhece? O que significa para meninas ou jovens mulheres verem a si mesmas como objetos de desejo em vez de sujeitas com desejos? Como as relações heterossexuais são quando construídas dentro da cultura pornográfica?

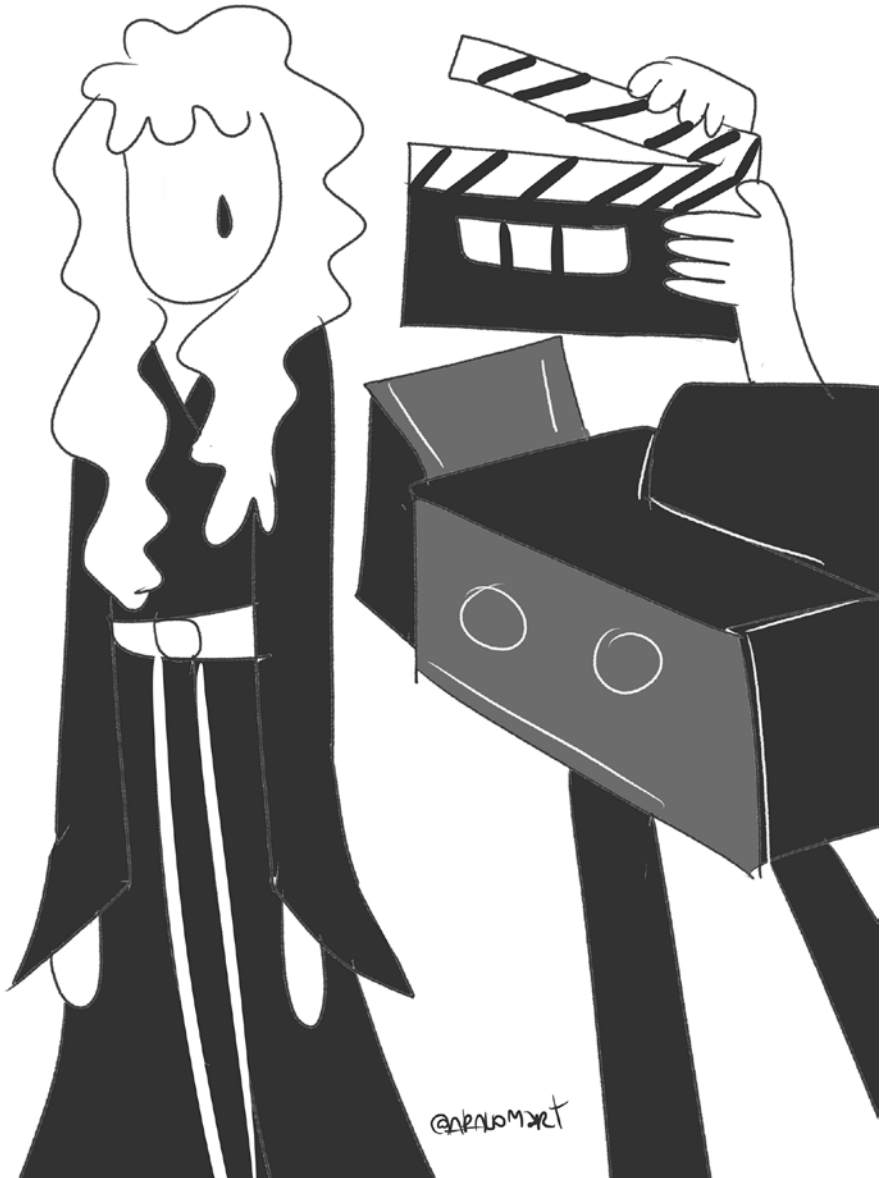
Sem experiência real de sexo, a pornografia da *internet* tem um profundo efeito no modo como esses meninos (e futuros homens) pensam sobre sexo, relacionamento, intimidade, integridade corporal e consentimento.

Masturbar-se vendo pornografia que é uma mistura, às vezes letal, de sexo e violência não afeta todos os meninos da mesma forma, mas é impossível permanecer intacto a imagens que têm um efeito tão intenso no corpo e na mente.

As participantes da conferência concordaram que criar uma geração de meninos com pornografia cruel terá um efeito de longa duração na sexualidade deles e na segurança e bem-estar das meninas, e precisamos agir agora. Prevenir o acesso das crianças à pornografia é um bom começo, mas precisa ser acompanhado por uma campanha massiva de educação sexual, que não apenas destaca o que tem de

errado com a pornografia, mas oferece imagens alternativas de sexualidade que são igualitárias, divertidas e criativas. O uso da pornografia é um dos maiores

problemas de saúde pública de nossos tempos, e precisa ser abordado agora se quisermos criar uma sociedade livre de violência contra mulheres e crianças.





## Reflexão sobre Pornografia e Capitalismo (por Aline Rossi)

Certa vez, conversando com um camarada anarquista sobre pornografia e a indústria do sexo, ele, que também tem um posicionamento abolicionista, diz algo como “realmente, é uma indústria muito grande, não sei como não tem mais influência”. Foi um balde de água fria. Percebi que mesmo os camaradas críticos ao sistema prostituinte não tinham uma noção clara do que a indústria do sexo representava na sociedade.

No momento, não consegui responder tudo que se passou pela minha cabeça, mas me lembrei de Oscar Maroni, proxeneta milionário, se candidatando a deputado com apoio de magnatas. Lembrei que durante a Ditadura Militar brasileira foi criada uma propaganda oficial apelando ao turismo sexual e vendendo a mulher aos gringos. Lembrei as cadeias de bordéis de luxo na Holanda e o percentual que a indústria do sexo representa no PIB da Nova Zelândia (em ambos países, a prostituição movimentou o turismo e a economia).

Como uma indústria multibilionária tão massificada nos meios de comunicação (não só nos sites de pornografia), que gera acumulação de capital em cima de uma estrutura que cria hierarquias dentro da classe trabalhadora (de homens sobre mulheres e crianças), que movimentou o tráfico sexual global, não teria influência política nesse sistema?

Pornografia e prostituição não são só o que acontece nas beiras de estrada brasileiras ou nos bordéis de luxo alemães. Elas estão extremamente entranhadas na produção audiovisual — cinema, TV, jornais e revistas que toda a classe trabalhadora consome. Movimentou o turismo, o mercado de hotelaria e imobiliário, de bebidas e de drogas.

Pornografia e prostituição legitimam a mercantilização da vida, algo central, vital, crucial para o sistema capitalista.

Não é “só” sobre ser uma indústria multibilionária. É sobre o que ser uma indústria multibilionária que controla meios de comunicação e movimentou o mercado financeiro representa neste sistema político. É sobre ser uma bomba que mina por dentro a classe, a relação entre as pessoas, um entrave à conscientização das pessoas sobre a sua condição no mundo.

O movimento de trabalhadores precisa MUITO analisar e compreender a estrutura patriarcal, sob risco de não se emancipar nunca.



# TRÁFICO DE MULHERES PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E A PRODUÇÃO DE PORNOGRAFIA

Por: Donna M. Hughes

Tradução adaptada: Melina Bassoli

As mulheres usadas na produção de pornografia comercial nos Estados Unidos são frequentemente submetidas à violência e à coerção durante as filmagens. Com frequência, elas reclamam e tentam parar a filmagem ou desistir antes da filmagem começar. Suas reclamações são ignoradas e elas são pressionadas por seus agentes ou pelos diretores a continuar. As experiências que elas têm com coerção e com as armadilhas em que caem muitas vezes enquadram-se na definição de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual.

No Brasil, o tráfico de pessoas é crime e definido<sup>1</sup> como agenciar, aliciar, recrutar, transportar, transferir, comprar, alojar ou acolher pessoa, mediante grave ameaça, violência, coação, fraude ou abuso, com a finalidade de remover-lhe órgãos, tecidos ou partes do corpo; submetê-la a trabalho em condições análogas à de escravo; submetê-la a qualquer tipo de servidão; adoção ilegal; ou exploração sexual. Muitas leis internacionais seguem a mesma definição, inclusive a dos EUA, país que produz grande parte da pornografia consumida no Brasil.

Praticamente não há estudos nacionais ou internacionais sobre o uso de mulheres traficadas para a indústria pornográfica, sendo que a maioria dos estudos sobre tráfico para fins de exploração sexual concentra-se na exploração da prostituição. Porém, são assuntos intrínsecos, e não raramente andam junto. É preciso que ativistas e legisladores prestem mais atenção aos abusos que acontecem na indústria da pornografia. No caso de crianças traficadas para a pornografia, há mais atenção nacional e internacional.

A seguir, alguns depoimentos de atrizes pornográficas dos Estados Unidos pretendem demonstrar que a indústria pornográfica está intrinsecamente ligada ao tráfico de pessoas.

## Força ou Coerção

A maioria das mulheres entra na indústria pornográfica sem saber a que elas terão que se submeter. Como a maioria das vítimas de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, elas precisam de dinheiro e estão procurando oportunidades. Os agentes, diretores e produtores tiram vantagem dessas mulheres, quase sempre bem jovens. Suas primeiras experiências com pornografia comercial é frequentemente brutal e traumática.

Madelyne não sabia nada do negócio para o qual ela foi chamada, mas estava ansiosa para ganhar dinheiro, porque estava endividada. Ela disse ao seu agente que ela não tinha limites e que faria qualquer coisa. Ela assinou um ano de contrato. Depois, ela disse que não tinha ideia do que isso significava.

Ela estava aterrorizada quando chegou ao estúdio para filmar sua primeira cena, “eu tentei desistir, queria voltar pra casa e não fazer pornografia nenhuma”. Falaram pra ela que ela tinha assinado um contrato, portanto não podia desistir, “fui ameaçada, disseram que, se eu não fizesse a cena, iam me processar e eu

ia perder muito dinheiro”. “Fiz cenas de sexo violentas e apanhei de um ator, pedi para que eles parassem, mas eles não pararam até eu começar a chorar e estragar a cena”.<sup>2</sup>

A descrição da Madelyn mostra que ela foi coagida. Mesmo que a vítima inicialmente tenha consentido, ela sempre poderia retirar o consentimento e a atividade deveria parar. Se seu desejo é ignorado, há tráfico sexual.

Alexa escreveu: “em meu primeiro filme, fui tratada com muita violência por três caras. Eles me esmurraram, forçaram meu vômito com seus pênis e me jogaram pra lá e pra cá como se eu fosse uma bola! Eu estava com dor, machucada e mal podia andar. Eu sentia queimar e doer dentro de mim. Não conseguia fazer xixi e tentar evacuar estava fora de questão”.<sup>3</sup>

Sierra Sinn escreveu: “minha primeira cena foi a pior experiência da minha vida. Eu estava com muito medo. Era uma cena muito violenta. Meu agente não quis me deixar saber o que era antes da filmagem... Eu fiz e chorei, mas eles não pararam. Foi violento demais. Ele me bateu. Doeu. Isso me assustou demais.

Eles não pararam. Só continuaram filmando”.<sup>4</sup>

As experiências de Alexa e Sierra Sinn descrevem o uso da força na produção pornográfica, o que configura tráfico sexual.

### **Uso de drogas como facilitador da coerção**

Nos Estados Unidos, uma nova forma de coerção foi tipificada<sup>5</sup> dentre os casos de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual: forçar o uso de drogas ou criar ou incentivar o vício.

Muitos testemunhos de mulheres usadas na produção de pornografia comercial descrevem uso e vício de drogas e álcool e como os pornógrafos manipulavam isso.

Quando Madelyne quis desistir de fazer sua primeira cena pornográfica, além de ter sido ameaçada, acabou tomando várias doses de vodca para terminar a cena, “os produtores providenciaram álcool e drogas para mim”.

Madelyne continua: “conforme eu ia fazendo mais e mais cenas, eu abusava do uso de remédios, qualquer remédio que eu quisesse, os médicos me receitavam: Vicodin, Xanax, Prozac e

Zoloft. Os médicos sabiam que eu fazia pornografia e mesmo assim me davam qualquer receita que eu queria. Tudo que eu tinha que fazer era falar pra eles que eu ia fazer cenas pesadas”.

Na preparação de uma cena na qual vários homens ejaculariam no rosto de Madelyne, e que ela não queria fazer, um dos membros da equipe ofereceu pra ela vodca e cerveja. “Meu agente não deixou eu dirigir, de tão bêbada que eu estava. Uns 75% das mulheres que fazem pornografia usam motorista, porque são viciadas em drogas e álcool”. Madelyne insinua que os médicos talvez recebam propinas dos produtores pornográficos.

Quando Madelyne não pôde mais interpretar cenas na pornografia, porque seu uso de drogas e álcool ficou “sem controle”, seu agente sugeriu que ela fosse para a prostituição e casas de strippers.

Segundo Alexa, “havia drogas e álcool disponíveis nos sets de filmagem... Sempre que você queria, eles te davam. Na verdade, num dos sets em que fiz dois filmes, os atores tinham seu próprio ‘médico’! Eu vi o médico dando remédios e aplicando injeções.”

## Fraude

Se uma pessoa é compelida a participar de um ato sexual comercial (que inclui a filmagem de pornografia) através de fraude, ela é uma vítima do tráfico de pessoas. Fraudar significa enganar alguém para fazer algo que ela não faria se soubesse ao certo do que se trata.

Madelyne escreveu: “a pior cena que eu fiz foi durante minhas primeiras semanas no negócio. Meu agente me chamou um dia antes da cena e disse que seria similar a uma cena de masturbação sozinha. Depois, ele disse que também teria uns 10 ou 15 caras se masturbando e ejaculando em mim. Ele disse que seria dinheiro rápido e fácil. Quando eu cheguei, vi uma fila longa de homens fora do estúdio. Reconheci alguns deles, a maioria era gente que nunca vi antes”.

No estúdio, Madelyne soube que a fila de homens lá fora foi recrutada através de um anúncio num jornal semanal que dizia “venha e ejacule no rosto de uma jovem atriz pornográfica”. “Meu agente me disse que eu tinha que fazer isso e, se não fizesse, ele ia me cobrar e eu ia perder todos os outros agendamentos, porque eu faria a agência dele ficar mal no negócio”.

Isso mostra que mulheres são forçadas a fazer pornografia por meio tanto de fraude como de coerção psicológica. Como ativistas contra o tráfico de pessoas, deveríamos investigar melhor a produção pornográfica.

1. Código Penal Brasileiro.
2. MADELYNE. The hardcore story of porn star Michelle Avanti. 2009.
3. MILANO, Alexa. Former porn Alexa Milano needs our help. 2010.
4. SINN, Sierra. Porn Stars. 2010.
5. William Wiberforce Trafficking Victims Protection Reauthorization Act of 2008





# **EU LIMPO A SUJEIRA DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA. POR QUE AINDA NOS QUESTIONAMOS SE A PORNOGRAFIA É OPRESSIVA?**

Por: Ann Olivarus

Tradução: Nina Cenni, para o Anti Pornografia

Quando argumentei que a pornografia é inerentemente opressiva, em um debate da Cambridge Union, honestamente não esperava que meu time ganhasse a audiência. Eu tinha esperanças de que isso acontecesse. Mas também sabia que aqueles que crescem no mundo pornificado de hoje em dia compreensivelmente têm dificuldade em enxergar os danos da pornografia. Eu vejo esses danos. Eu sou uma advogada, que atua nos EUA e no Reino Unido, e gasto alguns dos meus dias — mais do que eu gostaria — tentando limpar a sujeira deixada pela indústria pornográfica.

Admito que não prestei muita atenção nas mudanças gigantes do mundo da pornografia na última década. Mas, há alguns anos, recebi um telefonema de uma mulher dos EUA. Era uma noite de sábado em Londres. Eu era a única pessoa no escritório, então atendi a ligação. Uma mãe muito perturbada de uma estudante do ensino médio me contou sobre como os amigos de sua filha, Sallie, de 16 anos, tinham abusado dela enquanto ela estava bêbada e filmado o abuso em seus celulares. Ela tinha acordado na manhã seguinte sem se lembrar do que tinha acontecido. Quando Sallie descobriu sobre a filmagem, ela já tinha sido distribuída para toda a escola. Dois dias depois, voltando das aulas, Sallie disse à sua mãe que não tinha tido um dia muito bom, foi até o seu quarto e se matou. Eu fiz tudo o que podia para ajudar aquela mãe em luto, mas as opções legais eram limitadas. O mundo estava em sua fase de aprendizado sobre a pornografia de vingança, e ainda está. Desde então, esse tipo de ligação se tornou comum. Algumas vítimas da pornografia de vingança lutam, outras se escondem ou procuram por instituições, e outras vão

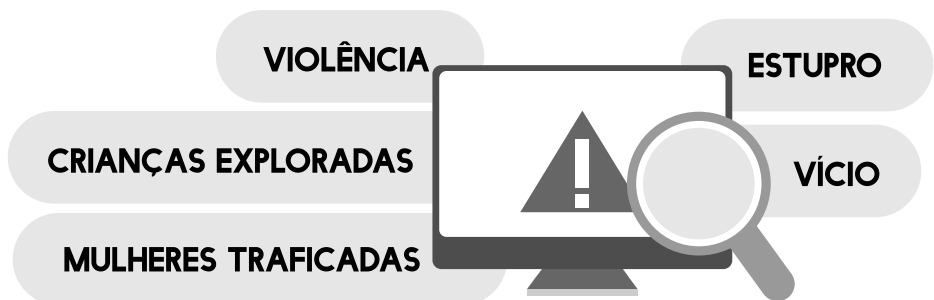
para seu túmulo. Mas as imagens permanecem — na maioria das vezes nos sites de pornografia.

E por que nos sites de pornografia? Porque não apenas foi a indústria pornográfica que inventou a pornografia de vingança (as primeiras imagens de pornografia de vingança foram publicadas na revista Hustler, em 1980), como também ela está interessada em manter essa prática “rentável”, da mesma forma como ela continua a encontrar novas maneiras de abusar de mulheres, e às vezes de homens, para criar novas demandas. Se criticada, o porta-voz da indústria responderá que ela é somente um negócio como qualquer outro, apenas um trabalho como qualquer outro — ou que eles são a vanguarda da “liberdade de expressão”.

Uma de nossas clientes, uma atriz pornô, nos procurou um dia depois de ter recebido alta do hospital, onde teve seu reto suturado depois da filmagem de

uma cena brutal. Ela ficaria fora do “trabalho” por um tempo e queria saber que tipo de proteções trabalhistas existiam para ela. Mas são muito poucas. Ela estava no “negócio” há três anos, que é o maior período de tempo que as mulheres que eu já conheci duravam dentro da indústria. Ela não tinha pensão, nunca havia escutado a palavra “promoção”, e ela não tinha ideia de como proceder. A indústria tinha tomado três anos de sua vida e a deixado com nada além de um prolapso anal, o que inclusive é algo que a indústria pornográfica tem orgulho em produzir (existe um mercado crescente pelo “rosebud” [“botão de rosa”] nos filmes pornográficos — isto é, quando as paredes internas do reto de uma atriz colapsam e o tecido vermelho interno “florresce” pra fora de seu ânus).

Essa não é uma indústria onde as atrizes podem envelhecer, ter uma pensão, feriados garantidos, ou segurança empregatícia.



É uma indústria onde mulheres são abusadas para a gratificação sexual dos usuários. A opressão das mulheres é inerente às histórias que ela transmite.

As atrizes não são as únicas pessoas sendo oprimidas. Alguns dos consumidores querem encenar o que viram com suas parceiras. Eu tive que lidar com um bom número de casos de divórcio, em que a pornografia era o centro. Os casais ainda gostariam de estar juntos, mas suas vidas sexuais tinham sido distorcidas e destruídas.

Existem também aqueles que forçam atos sexuais pornográficos em terceiros, frequentemente acreditando que possuem o direito de fazê-lo. Afinal das contas, na pornografia, as mulheres respondem com prazer quando são forçadas ou feridas. Anna tinha 8 anos quando contou para sua mãe que seu primo, de 14 anos, às vezes fazia coisas com ela que ela não gostava. Quando foi perguntada se seu primo sempre fazia as mesmas coisas, ela respondeu: “às vezes, mas se ele visse alguma coisa nova em seu celular, ele mudava o que fazia”. Nós também lidamos com casos de adultos que usavam da pornografia para “preparar” crianças para o sexo, ou que usavam a

pornografia como justificativa para a sua violência sexual contra crianças e mulheres. E algumas das pessoas mais traumatizadas que eu já conheci eram mulheres prostituídas (frequentemente traficadas) cujos clientes tinham insistido — às vezes de maneira forçada e sempre acreditando que consentimento é algo que pode ser comprado — em replicar atos de filmes pornográficos.

As mulheres não são as únicas feridas. Conhecemos atores pornô, homens, que foram severamente feridos, alguns provavelmente morrerão cedo por causa de HIV ou outras doenças. E também conhecemos aqueles que se viciaram na pornografia desde muito jovens, como é o caso de Henry, um estudante de Oxford que no final da sua adolescência se apaixonou, e teve a sorte de ser correspondido. Mas, não importava o quanto tentasse; ele não conseguia desfrutar do sexo com ela. Não era como ele pensava que seria e não conseguia ter uma ereção. Seu cérebro estava viciado na gratificação instantânea que obtinha com pornografia. Henry queria nossa ajuda para saber se tinha base para entrar com uma ação contra a indústria pornográfica, que tinha tirado dele o prazer





de uma intimidade física e sexual real. Agora, ele é um ativista lutando contra os efeitos negativos que a pornografia causa nos homens.

A pornografia é inerentemente opressiva? A maioria dos presentes no debate da Cambridge Union concordaram que sim.

Eu também concordo. Eu espero que isso signifique o começo de uma resposta e ação contra a indústria pornográfica; que os jovens não permitam que ela distorça e degrade suas sexualidades e preferências sexuais, pelo menos não mais.



# AGARRAR A LINGUAGEM PELAS MÃOS

Por: fêmea brava

noutro dia, li um texto de Carol Hanisch<sup>1</sup>, falando sobre a importância da linguagem, mais especificamente para o movimento feminista. essa talvez tenha sido a principal luta de outra filósofa e feminista lésbica radical, Mary Daly, que gastou algum tempo de sua vida falando sobre como o patriarcado (visto por ela como uma religião) nos conduz a todas a uma história dos homens, não nossa. ou, ainda, a principal luta da feminista radical da diferença, Andrea Franulic, que propõe em seu trabalho uma análise feminista do discurso, e, junto a outras feministas desta mesma corrente, um novo marco civilizatório a partir do olhar das próprias mulheres, que devem se esforçar para se descolar do pensamento masculinista.

segundo Franulic, a rebeldia, essencial para a libertação feminina, se enfraquece quando entra no ambiente acadêmico. ela aparece travestida de insolência, mas suas bases são masculinistas, ou seja, não deixam de perpetuar o pensamento dos homens. para recuperar a história das mulheres e a nossa própria genealogia será necessário, para a autora, abandonar a obediência, ou seja, a Ciência legítima e a história que nos contaram sobre nós mesmas.

as mulheres deixaram o diálogo com as outras mulheres para buscar a legitimidade do macho acadêmico, pseudolivrepensador. essa é uma das ações mais autodestrutivas. nesse gesto, renasce a obsequiosidade, a fala baixinha, o pedido de permissão para dizer. a palavra desapaixonada procura o politicamente correto e não se incomoda, não se abala ou arranha. a palavra sem corpo encontra-se no argumento cool, no raciocínio respaldado, na tese autorizada. a palavra neutra tece uma intertextualidade de séculos: a trama ideológica das mentiras e dos segredos do patriarcado para excluir a nós, mulheres, do contexto do humano e nos aprisionar na feminilidade.<sup>2</sup>

o Movimento pela Libertação das Mulheres aparece com esse nome na década de 1960. a partir daí, em várias tentativas de apropriação, foi-se adotando outros: Movimento de Mulheres, Movimento Feminista, Feminismo. quaisquer tentativas de mulheres de apropriação de sua própria linguagem, ou ainda, de sua própria luta, é apropriada pelo neoliberalismo, que tenta de diversas formas nos apagar. essas transformações não são inofensivas, ou uma tentativa de economizar letras. Hanisch ensina: são uma tentativa de apagamento, de esvaziamento político. “estupro” vira “sexo sem consentimento”; “feminicídio” vira “crime passional”.

“violência masculina” passa a se chamar “violência de gênero”, retirando-se a responsabilidade de quem a pratica — homens adultos. essas mudanças podem parecer sutis, mas são escolhas que trabalham em nome de uma ordem social onde nossas histórias e experiências são constantemente desacreditadas, vistas como exagero, superficiais. assim, enquanto eles cometem “crime passional”, nossas tentativas de autodefesa são vistas (e veiculadas, taí a responsabilidade das mídias na perpetuação dessa linguagem) como “histeria” ou “perda de controle”.

Janice Raymond<sup>3</sup> vai dizer que “a realidade se suspende no esguio fio da linguagem”. ela alerta para os perigos das expressões “garotas trabalhadoras”, “trabalhadoras do sexo”, “moças da noite” e “acompanhantes”, termos usados para amenizar a violência de cafetões e de uma indústria cruel como a indústria do sexo. até exploração sexual de crianças vira “prostituição infantil”. esses nomes servem, grosso modo, para transferir a responsabilidade da exploração do corpo das mulheres para elas mesmas, dignificando a indústria, humanizando-a. por outro lado, os defensores desses termos alegam que eles dignificam a mulher.

apropriar-nos da linguagem, transformá-la a nosso favor, é uma forma de resistir, de não sermos atropeladas por um mundo explicado através dos olhos dos homens. as mulheres, lésbicas e feministas lutam contra o próprio apagamento há anos e seguirão lutando, a não ser que desapareçam todas as mulheres. não seremos apagadas.

1. HANISCH, Carol. *Telltale Words: Depoliticizing the Women's Liberation Movement*. Boston University, 2014.

2. FRANULIC, Andrea. *La Palabra de la Insolencia*. 2013.

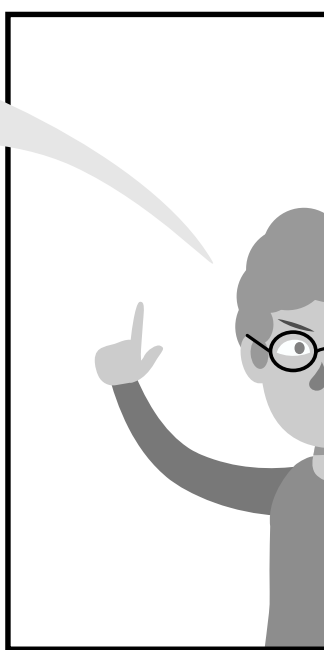
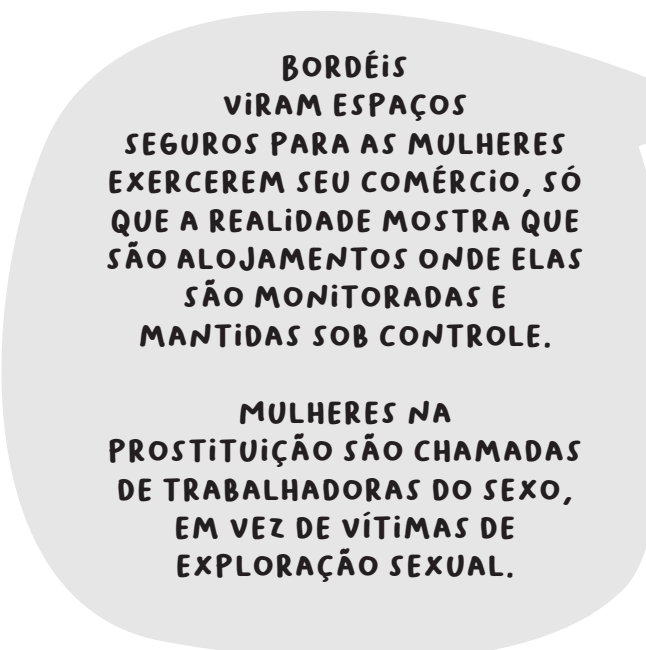
3. RAYMOND, Janice G. *Not a Choice, Not a Job: Exposing the Myths About Prostitution and the Global Sex Trade*. Dulles, Virginia: Potomac Books, 2013.

# CHAME AS COISAS



**PROXENETAS VÊM NEGÓCIOS DE TERMO DE MULHERES E SÃO OBRIGADOS A PROTEGER A SI MESMOS E SEUS INTERESSES, EM VEZ DE SEREM USADOS DAQUILO QUE SÃO CHAMADOS DE EXPLORADORES DE MULHERES.**

**EM VICTÓRIA, OS PROXENETAS E OS PROPRIETÁRIOS DE BORDÉIS SÃO DESIGNADOS LICENCIADOS DE TRABALHO SEXUAL.**

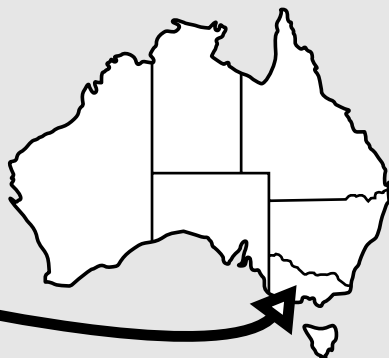


# PELO NOME CERTO

RAM AGENTES DE  
ERCEIROS QUE AS  
COLHEM PARA  
MESMAS E SEUS  
EZ DE SEREM CHA-  
JE REALMENTE SÃO:  
PRIMEIRA CLASSE.

, AUSTRÁLIA,  
TAS QUE SÃO  
OS DE BORDÉIS  
ADOS COMO  
S DE SERVIÇO  
HO SEXUAL.

USUÁRIOS E COMPRADORES DE  
PROSTITUIÇÃO SÃO CHAMADOS DE  
CLIENTES QUE PROPORCIONAM  
ÀS MULHERES RENDA, QUANDO NA  
VERDADE SÃO ABUSADORES.



E VÍTIMAS DE TRÁFICO  
SÃO TRABALHADORAS DO  
SEXO MIGRANTES CUJA  
PASSAGEM DE UM PAÍS A OUTRO  
É MIGRAÇÃO FACILITADA POR  
"PRESTATIVOS" TRANSPORTADORES  
DE PESSOAS.

MESMO AS PALAVRAS "  
"ACOMPANHANTE" E "AGÊNCIAS  
DE ACOMPANHANTES" FAZEM O  
SISTEMA DA PROSTITUIÇÃO  
SOAR MAIS CHIQUE E SEGURO  
DO QUE REALMENTE É.

---

# TRÁFICO DE PESSOAS - DADOS

**72%**  
das vítimas  
são do sexo  
feminino.

**30%**  
das vítimas  
são crianças.

**42%**  
das vítimas são  
deslocadas para  
outro país.



**59%**  
são vítimas da  
exploração se-  
xual, das quais  
**94%** são do sexo  
feminino.

**US\$ 150 bilhões**  
é a estimativa  
de lucro anual  
obtido com  
o tráfico de  
pessoas.

**US\$ 99 bilhões**  
é a estimativa  
do lucro  
anual da  
exploração  
sexual no mundo.

---

Fonte das quatro primeiras informações:  
UNODC. Global Report on Trafficking in Persons 2018. Viena, 2018.

Fonte das duas últimas informações:  
OIT. Profits and Poverty: The Economics of Forced Labour. OIT/ILO: Genebra, 2014.

---



# A MAIORIA DAS “PROFISSIONAIS DO SEXO” SÃO ESCRAVAS MODERNAS

Prostituição raramente, ou quase nunca, é uma escolha

Por: Julie Bindel, para The Spectator

Tradução: Mariana Amaral [Texto não integral]

Em meio a todo o ultraje que a escravidão moderna provoca, geralmente homens vulneráveis forçados a trabalhos manuais, existe outra forma de abuso acontecendo em todas as cidades. É algo presente em toda cultura e região do mundo e, ainda assim, justificamos essa forma de abuso em nome da “libertação”. Nós nos acostumamos a pensar a prostituição como uma forma legítima de se bancar a vida, até como algo “empoderador” para as mulheres. Nós a chamamos de trabalho sexual e viramos a cara. Não devíamos fazer isso.

Nos últimos três anos, fiz 250 entrevistas com sobreviventes da indústria (50 com sobreviventes do tráfico internacional), em 40 países, e quase todas me contaram a mesma história: não acredite no mito da “prostituta feliz” que você vê na televisão. Em quase todos os casos, na verdade, é escravidão. As mulheres na prostituição são coagidas financeiramente e estão em apuros. Elas precisam ser resgatadas dessa situação assim como qualquer outra vítima da escravidão moderna.

Um das descobertas mais perturbadoras foi que as vozes mais ouvidas pedindo a legalização da prostituição vêm de pessoas que lucram com ela: cafetões, agentes, donos de bordéis. Eles conseguiram ter o poder de falar pelas mulheres sob seu controle. As pessoas que conhecem a história real do tráfico sexual de pessoas têm sido silenciadas pelo *lobby* de ideólogos “liberais” iludidos e pelos beneficiários do tráfico de pessoas.

Como Autumn Burris, ex-prostituta da Califórnia que escapou da indústria no fim dos anos 1990, me relatou: “eu tive que me convencer de várias coisas, de várias mentiras para impedir que meu cérebro se partisse em

milhares de partes e que eu ficasse louca com o abuso contínuo que acontecia de novo e de novo, e com a violência que vem junto com a prostituição”. Autumn agora é militante contra o tráfico de pessoas e ministra cursos sobre a realidade das pessoas na prostituição.

Uma sobrevivente do tráfico sexual na Alemanha, Huschke Mau, disse: “toda vez que eu ia encontrar um cliente, eu tinha que beber não um copo de vinho, mas uma garrafa. Você não consegue fazer um programa se estiver sóbria ou sem usar drogas. Quando parei de beber, não consegui mais fazer aquilo”.

Se prostituição é equivalente a escravidão, por que diabos então ativistas de direitos humanos e tantas pessoas de esquerda apoiam a ideia de que a prostituição é um “trabalho” para mulheres, e um “direito” para homens? Tudo começou com a emergência de se fazer uma campanha contra o HIV/AIDS. Parecia fazer sentido na época. A “lógica” era de que se você remove as penalidades criminais, as mulheres prostituídas iriam mais a abrigos de apoio e usariam mais camisinha. Isso reduziria dramaticamente os índices de contaminação de HIV, argumentou o *lobby* pró-legalização, e também

acabaria com o feminicídio cometido por cafetões e clientes.

Essa era a teoria. Mas visitei um bom número de bordéis legais nos Estados Unidos, na Alemanha, na Holanda e na Austrália e examinei os argumentos pró-legalização, e o que eu encontrei foi que esses argumentos simplesmente não condizem com a realidade.

A legalização da prostituição na Alemanha, na Holanda e na Austrália não ajudou a combater os índices de violência, nem do HIV ou do feminicídio. Uma ex-defensora dos direitos das “profissionais do sexo” em Melbourne, Sabrinna Valisce, ao confrontar a realidade da descriminalização, mudou dramaticamente seu ponto de vista: “pensei que a descriminalização melhoraria as coisas tornando tudo legal e dentro dos regimentos, mas ela só deu mais poder aos clientes e aos cafetões”.

Os tão alardeados direitos e liberdades que se diz que as mulheres prostituídas desfrutariam são, na verdade, reivindicados pelos donos de bordéis e seus clientes. É fácil — eles simplesmente se redefinem como “trabalhadores sexuais” e colhem os benefícios.





A verdadeira escala do mercado mundial do sexo é assustadora. Visitei um vilarejo na Índia voltado inteiramente para a prostituição, e conheci um homem que estava prostituindo sua filha, sua irmã, sua tia e sua mãe. Entrevistei cafetões nos megabordeis em Munique, em que homens pagavam uma taxa fixa que permitia consumir quantas mulheres desejassem. No sudeste da Ásia, presenciei turistas sexuais idosos do Reino Unido pagarem por um “encontro” com garotas adolescentes em bares “de meninas”.

Descobri que o que quer que os lobistas digam, mulheres e

garotas prostituídas vêm majoritariamente de lares abusivos, vivem na pobreza, e são de alguma forma marginalizadas. Elas não são livres ou empoderadas: elas foram abusadas e estão presas.

Não vamos esquecer que isso acontece com garotos também. Em Los Angeles, conheci Greg, nascido em uma família com conexões com o crime organizado. Desde muito novo, ele foi abusado e explorado sexualmente por homens poderosos. Quando adolescente, conheceu um cafetão, foi vendido para sexo por seis anos, até conseguir escapar. Greg repudia a ideia de que

vender sexo seja parte da cultura homossexual.

Alguns consumidores de sexo no Reino Unido e em outros lugares me disseram: “eu não quero que ela goste, isso tiraria a graça pra mim”; “eu gosto de prostitutas porque elas fazem o que eu mando. Não é como uma mulher normal”; “não é diferente de comprar um hambúrguer quando você está morrendo de fome e sua mulher não te fez nada pra comer”.

Se eu sugiro a defensores da prostituição que nada terrível vai acontecer aos homens se eles forem proibidos de comprar sexo, eu escuto a mesma reclamação: “Mas e os homens com necessidades especiais? Como eles vão transar?”. Mas sexo não é um direito humano.

Pense nos milhões de mulheres oprimidas. E os direitos delas? Em um dos bordéis dos Estados Unidos, as mulheres eram presas em jaulas, e arames farpados cercavam as altas paredes do lugar. Na Coreia do Sul, era costume trancar as mulheres nos bordéis a noite inteira — até um incêndio matar 14 jovens, em 2002. Se galinhas em granjas fossem tratadas dessa forma, certamente haveria um clamor acertado dos mesmos esquerdistas li-

berais, que geralmente mudam o discurso para defender esse mercado flagrante da carne humana.

Nas ruas da Nova Zelândia, conheci Carol, usando uma muleta para descansar entre a jornada de clientes. Carol me contou que desde que a prostituição foi legalizada, há 13 anos, nada melhorou para as mulheres. Os clientes ainda são violentos, a polícia ainda não se importa, ela diz. Nem os defensores dos direitos humanos. Enquanto mulheres ao redor do mundo lutam para acabar com a violência e abuso, a Anistia Internacional e outras entidades as traíram.

A forma mais efetiva de invisibilizar um terrível abuso dos direitos humanos é renomeá-lo. Um estrategista pró-escravidão nas Índias Ocidentais uma vez sugeriu que em vez de “escravos”, os “crioulos” deviam ser chamados de “assistentes de plantação”. Aí, disse o estrategista, “nós não vamos enfrentar tanto clamor contra o mercado de escravos pelos religiosos piedosos, poetas de coração terno e políticos de curta visão”. O termo “profissional do sexo” é o mesmo tipo de lustre conveniente. A prostituição não é “trabalho sexual”. Na maioria das vezes, é escravidão moderna.

---

Em entrevistas com 854 pessoas em situação de prostituição em 9 países (África do Sul, Alemanha, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, México, Tailândia, Turquia e Zâmbia), a maioria apresentou um histórico duradouro de violência física e sexual. O estudo descobriu que:

95%

sofreram assédio sexual que seria legalmente acionável em outra situação.

65%  
a  
95%

foram abusadas na infância.

70%  
a  
95%

sofreram agressões físicas.

60%  
a  
75%

foram estupradas\*.

89%

afirmaram querer sair da prostituição, mas não tinham outras opções de sobrevivência.

75%

já moraram na rua em algum momento de suas vidas.

68%

possuíam sintomas de transtorno de estresse pós-traumático.

88%

sofreram abuso verbal.

\* Estupro foi aqui definido como os casos em que as mulheres não foram pagas no final. Mas, como disse uma sobrevivente canadense entrevistada: “o que os outros chamam de estupro, é o normal para nós”.

Fonte: FARLEY, Melissa, et al. Prostitution and Trafficking in 9 Countries: Update on Violence and Posttraumatic Stress Disorder. Journal of Trauma Practice, 2003.

## DESABAFO DE UMA ANÔNIMA

[De uma companheira moçambicana vitimada pelo ciclone Idai]

Sou mãe de três filhos, tal como as minhas novas irmãs do centro, perdi tudo do pouco que eu tinha conseguido juntar ao longo da vida, incluindo meu filho mais novo, meu maior tesouro e razão do corte no meu ventre.

O ciclone tirou-me mais do que dignidade, tirou-me o direito de escolher e de tomar decisões sobre o meu corpo. Hoje só vivo para ser comercializada, para garantir que haja fogo na minha tenda e que meus filhos sintam cheiro de comida ao longo do dia.

Mais do que nunca, meu corpo tornou-se moeda de troca, ou tiro a saia e cedo ao sexo não consentido, ou fecho as pernas e meus filhos dormem com estômago vazio. Como mãe e pai não consigo. Um saco de arroz me custa uma noite de sexo dolorido, desde que agrade ao chefe da comunidade, pois este tem nas suas calças o poder de decidir sobre o jantar dos meus filhos.

Sou mãe e vítima do ciclone. A escola, conheci no primeiro dia de aulas do meu filho mais velho. Não aprendi a ler nem a escrever, mas sonhei que do meu ventre pudesse brotar um doutor, quem sabe um presidente, para ser empregado do meu povo mal servido.

Dos donativos, conheço apenas as injúrias do chefe da localidade, que sobre o poder do arroz e da farinha decide com quem vai passar a noite. Já não é época de comida pelo trabalho, mas, sim, do jantar pelo sexo.

Já lá se vão os tempos em que havia a dignidade humana, essa me foi renegada desde que me tornei mulher e mãe.

Por favor, a vós que são de direito, nos roubem mas não nos tirem as saias. Encham vossos sacos, mas não entulhem nossas vaginas de vossos fluidos indesejados.

Encham vossas panças, mas deixem nossas filhas em paz, e, se for para comer, que comam a nós, as mães; pagamos pelo simples fato de termos nascido num país de insanos e impiedosos, uns meros ambiciosos sexuais, que mal conhecem o orgasmo de uma mulher.

Faz favor, senhor Presidente da República, mande seus homens fecharem as calças e abrirem os contentores de comida. Matem apenas a nossa fome, mas não massacrem nossa libido, nossos orgasmos e nossa vontade de sonhar por um dia pós-Idai melhor que o antes do mesmo.

**MENINAS E  
MULHERES NA PROSTITUIÇÃO  
TÊM UMA TAXA DE MORTALIDADE 40  
VEZES SUPERIOR À TAXA DE MORTALIDADE  
PARA TODAS AS MULHERES NO CANADÁ.**

**MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO  
APRESENTAM SINTOMAS DE TRANSTORNO DE  
ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO SIMILARES AOS DE  
VETERANOS DE GUERRA QUE ESTIVERAM EM COMBATE,  
SOBREVIVENTES DE ESTUPRO, REFUGIADOS E  
SOBREVIVENTES DE TORTURAS.**

**OS SINTOMAS SÃO ANSIEDADE AGUDA,  
DEPRESSÃO, INSÔNIA, IRRITABILIDADE,  
FLASHBACKS, DISSOCIAÇÃO,  
ENTRE OUTROS.**



Fonte: FARLEY, Melissa, et al. Prostitution and Trafficking in 9 Countries: Update on Violence and Posttraumatic Stress Disorder. Journal of Trauma Practice, 2003.



# POR QUE A ESQUERDA NÃO ACEITA QUE A BASE DA PROSTITUIÇÃO É UM RACISMO BRUTAL?

Se é uma escolha, por que a pobreza é um fator tão comum?

Por: Julie Bindel, para o The Independent

Tradução: Mariana Amaral

Não é segredo que o mercado do sexo é dominado pela misoginia. A esquerda liberal e outros setores chamados “progressistas” geralmente esquecem de seus princípios para apoiar uma indústria global e multibilionária, criada a partir do sofrimento e da opressão de mulheres e meninas. Isso não é surpresa, considerando o sexismo da esquerda, mas esses defensores da legalização se mantêm silenciosos também sobre o fato incontestável de que mulheres e meninas negras e indígenas ao redor do mundo estão na linha de frente para serem vendidas e compradas na prostituição.

Durante a extensa pesquisa que realizei para meu livro sobre o mercado do sexo, encontrei e entrevistei mulheres e homens que resistem à normalização do racismo dentro da prostituição.

Conheci Nécole Daniels, uma sobrevivente afro-americana do mercado do sexo e membra da organização abolicionista SPACE International, em 2015, em uma conferência nos EUA. Daniels é precisa sobre o racismo em que se baseiam os sistemas de prostituição nos Estados Unidos. “O mercado do sexo é como o próprio racismo. Ele diz que alguma de nós valem menos que outras”.

Pala Molisa, um acadêmico do Pacífico, que faz campanha contra a violência masculina na Nova Zelândia, é constantemente acusado de ser “putafóbico” por ter escrito sobre a prostituição como uma forma de opressão. Molisa já foi ameaçado de perder seu emprego, é alvo de *bullying online* e de campanhas de difamação e foi chamado de “esquisitão sexualmente reprimido” pelos propagandistas do mercado sexual.

Molisa diz que aprendeu com sua mãe e outras “irmãs indígenas” sobre a supremacia branca e o alicerce colonial da prostituição. “Nós não queremos apenas responsabilizar os homens por reduzirem mulheres a um *status* de mobília sexual, nós queremos a instituição da prostituição — que é a base da cultura do estupro patriarcal e colonial — destruída” diz Molisa. “O modelo dominante de masculinidade dentro da cultura de supremacia masculina também é moldado por raça e classe, pelo capitalismo e pela supremacia branca”.

Bridget Perrier é uma ativista indígena do Canadá e sobrevivente do mercado do sexo. Em 2015, Perrier apareceu na televisão do Reino Unido para debater com uma associada (branca) do Coletivo Inglês de Prostitutas (ECP). Perrier, que criou dois filhos de uma vítima do *serial killer* Robert Pickton, ouviu da membra do ECP que ela tinha “sangue nas mãos” por conta de suas campanhas para criminalizar cafetões e clientes. “Merda colonialista” disse Perrier. “Estou farta de ouvir que a prostituição é boa para mim e para minhas irmãs indígenas quando isso obviamente não faz bem a elas”.

Courtney, também indígena e sobrevivente da prostituição no Canadá, me contou: “O mercado do sexo é construído no racismo e no colonialismo assim como na misoginia. Para mulheres indígenas e afro-americanas, e para todas as mulheres e garotas racializadas, a prostituição é mais uma forma que o homem branco tem de pegar o que quiser de nossas comunidades, de nossa cultura e de nossa alma”.

Um bom número de compradores de sexo que entrevistei me contou que eles geralmente escolhem mulheres específicas com base em estereótipos racistas e colonialistas. A própria etnicidade é erotizada na prostituição. Um homem disse: “eu tinha uma lista mental em termos de raças; eu já tentei todas as raças nos últimos cinco anos, mas no fim das contas elas são todas iguais”. Outro entrevistado admitiu abertamente que seu uso de mulheres chinesas prostituídas é para satisfazer uma fantasia própria sobre elas. “Você pode fazer bem mais coisas com garotas orientais, como sexo oral sem camisinha, você pode gozar na boca delas... Eu as vejo como sujas”.

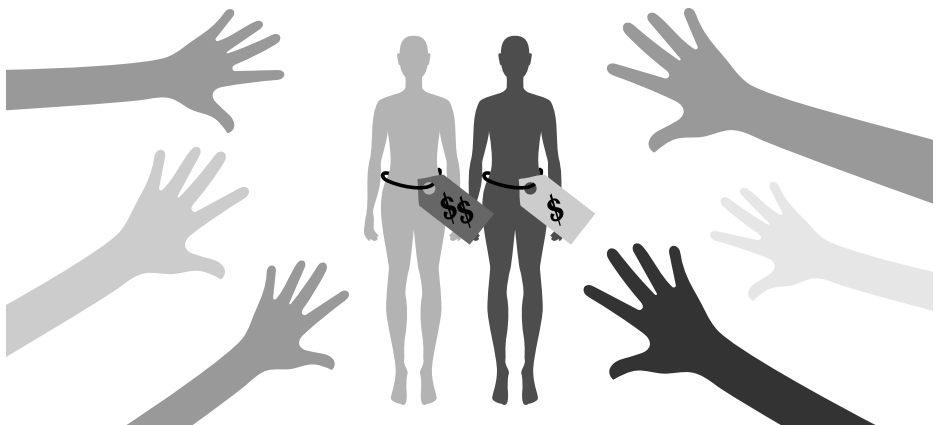
Propagandas de serviços sexuais também se baseiam em

esterótipos racistas e colonialistas. Em uma reunião com a Sociedade de Mulheres Asiáticas pela Igualdade, em Montreal, fui apresentada a uma pesquisa envolvendo a análise de 1.500 propagandas de prostituição *online*. 90% do conteúdo foi identificado como usando de estereótipos racistas como tática de venda, por exemplo, mulheres asiáticas sendo descritas como “submissas”, “exóticas”, “imigrantes recentes”, “recém-saídas do barco” e “jovens experientes”. “É isso que homens estão procurando em mulheres asiáticas”, um dos coletivos afirmou.

No principal distrito da luz vermelha em Amsterdã [local onde a prostituição é legalizada], a maioria das mulheres prostituídas expostas como carne de açougue nas vitrines dos bordéis são da Romênia e do oeste da África, existem tão poucas mulheres

nascidas no país que vendem sexo, que cafetões colocam selos de “NL” [referência a Nederland, ou Países Baixos] e bandeiras daquele país nas vitrines para fins publicitários. Mulheres brancas locais se tornaram uma raridade.

O tráfico de escravos está vivo e passa bem, mas foi repaginado dentro do capitalismo neoliberal. Durante o ato da prostituição, os corpos de mulheres e garotas são colonizados pelo homem que as usa. Como a esquerda pode ignorar isso, enquanto afirma lutar por uma sociedade igualitária e livre de opressões, é algo além do que posso compreender. Grande parte da esquerda masculina não se importa o suficiente com a opressão feminina dentro da prostituição, mas eles não poderiam ao menos reconhecer que o sistema da prostituição é em parte construído por um racismo brutal?





---

No Brasil, as pesquisas são escassas sobre a situação das pessoas prostituídas. A fim de dar algum panorama às nossas leitoras, apresentamos, a seguir, dados de duas pesquisas que entrevistaram mulheres em situação de prostituição em duas cidades brasileiras bem distintas.

## Belo Horizonte - MG

- 76% apresentaram sintomas de depressão.
- 59% apresentaram sintomas de stress crônico.
- 36% já pensaram em suicídio desde que entraram na prostituição.
- 59% são chefes de família e devem sustentar sozinhas os filhos.
- 45,6% tem o primeiro grau de estudos.
- 24,3% não concluíram o Ensino Médio.
- 70% das mulheres não têm profissionalização.
- 62% já utilizaram álcool para conseguir fazer o programa.
- 21% já usaram outras drogas.

## Itumbiara - GO

- 80% vêm de famílias desestruturadas, são órfãs, ou não têm família conhecida.
- 70% são de classe média-baixa e 30% pobre.
- 70% tem o ensino fundamental incompleto.
- 80% optaram por fazer programa por falta de emprego .
- 90% pensam em sair da prostituição.
- 100% não se sentem realizadas com a vida pela qual “optaram”.
- 100% se sentem culpadas por se prostituírem.

---

Dados de Belo Horizonte:

CADERNOS DE DEBATES PLURAIIS. Prostituição. Vol.6, nº11, março de 1999.  
FUMEC, Belo Horizonte, 1999.

Dados de Itumbiara:

ALMEIDA, S. M.; DIAS, P. C.; HORTA, L. R. Prostituição: Trabalho ou Problema Sócio Afetivo? Universidade Luterana do Brasil, 2012.



# A LEGISLAÇÃO DO MODELO NÓRDICO É A ÚNICA FORMA DE ACABAR COM O TRÁFICO SEXUAL

Por: Jacqueline Gwynne, para o News Weekly (Austrália), versão editada por Nordic Model Now!

Tradução: Carol Correia

O comércio de sexo em Victoria, Austrália, é totalmente legal desde 1994. Isso levou a uma enorme demanda por prostituição e a um aumento de 500% de bordéis ilegais e tráfico sexual. Melbourne, onde existem 89 bordéis legais e mais de 500 ilegais, é agora um importante destino para turistas sexuais.

Dizem que a prostituição faz com que os homens parem de estupro mulheres. Se o comércio sexual é uma solução real, por que a violência sexual está aumentando em todo o mundo?

Uma vez que a prostituição foi legalizada, você poderia esperar que haja alguma regulação da indústria em Victoria. Não há. O comércio sexual é legal em Victoria e Queensland e eu testemunhei este mundo obscuro e decadente como recepcionista há mais de uma década. O local ficava fora da área comercial de Melbourne e se apresentava como um bordel sofisticado. Havia alarmes de pânico em todos os cômodos, que nunca eram usados, já que abuso e agressão sexual são aceitos como normais nessa indústria.

Até essa experiência, eu era a favor do comércio sexual e da pornografia. Então, eu vi o que acontecia de verdade. Nenhuma mulher escolhe essa vida, não importa o quanto ela diga que escolheu. Esse é um último recurso, em meio ao desespero, à pobreza e à falta de escolha real.

A pornografia na internet está alimentando essa indústria. Eu estava sujeita a ver pornografia em telas grandes em todos os cômodos, então não conseguia escapar.

Os homens queriam exatamente o que viam na pornografia, até mesmo a aparência das mulheres — muito jovens, loiras, com grandes

peitos falsos e sem pelos pubianos. E mesmo em se tratando de pornografia mainstream, a degradação e o abuso das mulheres era repugnante. A pornografia é como muitos homens recebem sua educação sexual e os meninos agora são expostos a ela a partir dos 11 anos, em média.

Os compradores de sexo estão impulsionando o comércio sexual. A única maneira de impedir o tráfico sexual é parar a demanda de homens que compram sexo. Homens não precisam de sexo; eles não vão morrer se não transarem. Não é um direito humano. Há uma preocupação doentia com sexo e sexualidade em nossa cultura. O sexo não é tão importante quanto somos levados a pensar.

Quem compra sexo não se importa se a mulher está lá por escolha. Eles não se importam se ela é menor de idade ou se é traficada; na verdade, eles provavelmente preferem quem elas sejam mais vulneráveis, porque podem tirar mais vantagem.

Existe uma solução para esse comércio sexual, o chamado “Modelo Nórdico”, que está em vigor na Suécia desde 1999. O modelo nórdico foi adotado na Noruega, Islândia, Irlanda do

Norte, Canadá, França e, recentemente, Irlanda. A legislação implementada na Suécia teve um enorme impacto cultural. Há mais respeito pelas mulheres.

Quando o comércio sexual é normalizado, os homens têm uma sensação de direito sexual; de que as mulheres existem para o prazer sexual deles. Os homens se relacionam com as mulheres como objetos sexuais e não como seres humanos completos. A ideia de possuir direito ao sexo é a raiz da cultura do estupro. Quando a prostituição é legalizada, cria-se um ambiente hostil e perigoso para todas as meninas e mulheres da comunidade. Se um grupo de mulheres está à venda, é assim que todas são vistas.

O Modelo Nórdico, também conhecido como Lei do Comprador de Sexo, funciona cortando a demanda por prostituição, criminalizando traficantes, proxenetas, donos de bordéis e compradores de sexo. Segundo essa lei, mulheres que vendem sexo não cometem crime, mas quem compra sexo, sim. Lucrar com a exploração sexual de mulheres e crianças é um ato criminoso.

Antes de o Modelo Nórdico ser introduzido, em 1999,

era a mulher que recebia uma ficha criminal, o que significava que ela teria dificuldades em conseguir trabalho. Uma ficha criminal torna difícil, senão impossível, encontrar um emprego regular e é uma grande razão para as mulheres ficarem presas na indústria.

O Modelo Nórdico elimina os registros criminais por vender sexo, para que as mulheres possam seguir em frente com suas vidas. As mulheres recebem apoio, educação, reabilitação, cuidados para as crianças e assistência financeira e de habitação para sair da indústria. Todos os fatores que levam as mulheres à prostituição são levados em conta. Começa com uma ampla campanha de educação pública pedindo uma sociedade mais justa. Uma renda mínima é garantida para todos, as disparidades salariais entre homens e mulheres precisam ser eliminadas, assim como as taxas e dívidas estudantis.

Os compradores de sexo recebem uma multa — ou, nos casos mais graves, pena de prisão de até um ano — caso sejam pegos comprando sexo. Eles recebem terapia e apoio para o vício em sexo, para evitar que retornem aos seus velhos hábitos.

Desde que o modelo nórdico foi introduzido, as atitudes em relação à compra de sexo mudaram rapidamente na Suécia, de forma positiva. A proporção de homens que compram mulheres para o sexo foi reduzida pela metade. Agora é considerado uma coisa muito feia e só babacas compram mulheres para o sexo.

Estatísticas de homicídio de prostitutas são 40% mais altas do que para a população geral de mulheres. Na Suécia, não houve registros de assassinatos de prostitutas por um cliente desde 1999. A prostituição de rua foi reduzida em 50% e há menos confusões de rua e menos atividades criminosas. O tráfico sexual diminuiu, assim como o recrutamento de novas mulheres. A violência contra as mulheres prostituídas diminuiu e as taxas de estupros baixaram.

O Modelo Nórdico provou que funciona e outros países estão seguindo o exemplo. Não pode haver igualdade entre homens e mulheres enquanto a prostituição for permitida. A prostituição é a escravidão sexual das mulheres pelos homens. Ninguém argumenta que a escravidão é uma coisa boa e não há nada de positivo que você possa dizer para justificar a prostituição.

Nós precisamos acabar com a demanda pelo comércio sexual para acabar com o tráfico sexual. O Modelo Nórdico é o único caminho para conseguir isso.

Converse com os políticos locais sobre o Modelo Nórdico e sobre por que precisamos dele para melhorar nossas comunidades e melhorar o bem-estar de todas as mulheres e meninas.

---

## A prostituição é violenta e o Modelo Nórdico protege as mulheres em situação de prostituição veja a comparação entre países europeus que legalizaram a prostituição e a Suécia (país que criou o “Modelo Nórdico”).

### Alemanha

Prostituição legalizada em 2002  
Entre 2002 e 2018, pelo menos 91 mulheres prostituídas foram assassinadas por clientes e cafetões e outras 49 sofreram tentativas de assassinato.

### Países Baixos

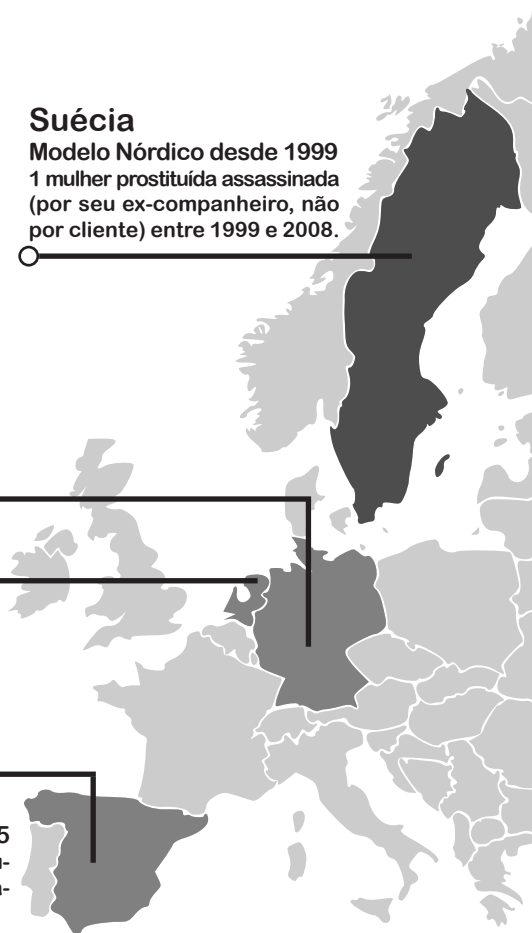
Prostituição legalizada em 2000  
Entre 1993 e 2013, 127 mulheres prostituídas foram assassinadas.

### Espanha

Prostituição descriminalizada em 1995  
Entre 2010 e 2018, pelo menos 43 mulheres prostituídas foram assassinadas, a maioria por cafetões e clientes.

### Suécia

Modelo Nórdico desde 1999  
1 mulher prostituída assassinada (por seu ex-companheiro, não por cliente) entre 1999 e 2008.



Fonte: NORDIC MODEL NOW! FACT: Prostitution is inherently violent. Disponível em: <<https://nordicmodelnow.org/facts-about-prostitution/fact-prostitution-is-inherently-violent>>

# O MODELO NÓRDICO PREVÊ:

Campanhas educativas sobre prostituição e exploração de mulheres.

Programa de saúde para mulheres prostituídas, inclusive ajuda psicológica.

Políticas de auxílio financeiro para mulheres em situação de prostituição.

Programas de profissionalização e de educação formal.

Auxílio-moradia para mulheres em situação de prostituição.

Financiamento de pesquisas sobre o assunto.

Grupos de apoio voltados para homens que querem parar de recorrer à prostituição.

Capacitação de pessoal para lidar com mulheres e crianças vítimas da prostituição e do tráfico internacional.

Programas para pessoas LGBT, para prevenir que precisem recorrer à prostituição.

O Modelo Nórdico não coloca mulheres em risco. Elas estão amparadas por lei e munidas para poder denunciar qualquer ato indesejado ou violento por parte do “cliente”, uma vez que ele está cometendo um crime de antemão.

O Modelo Nórdico não deixa mulheres em situação de prostituição sem alternativas. Além de criminalizar a demanda, o modelo prevê ainda ajuda para sair da prostituição e medidas preventivas e corretivas para infratores e reincidentes.

**ESTE ZINE É O RESULTADO DO  
TRABALHO DE VÁRIAS MULHERES.**

**QUALQUER PESSOA ESTÁ  
APTA A VENDÊ-LO PARA  
CUSTEAR SUA PRODUÇÃO.  
ESTE ZINE NÃO POSSUI FINS COMERCIAIS.**

**CADA MATERIAL PRESENTE NESTE ZINE  
PERTENCE À SUA RESPECTIVA AUTORA.**

**É PROIBIDO MODIFICAR ESTE  
MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.  
NÃO RETIRE OS CRÉDITOS.**

**É LIVRE A REDISTRIBUIÇÃO  
DESTE MATERIAL.**

**2019 © CACHALOTE PUBLICAÇÕES**

